Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

GUERRAS

A esperança que vem pela água...

Veleiro com 12 ativistas de sete nacionalidades, incluindo o brasiliense Thiago Ávila e a sueca Greta Thunberg, aproxima-se da Faixa de Gaza para tentar romper bloqueio israelense e levar ajuda humanitária aos palestinos. Tripulantes falam ao **Correio**

» RODRIGO CRAVEIRO

Coalizão da Flotilha da Liberdade

Reva Viard (segundo da esquerda para a direita), Thiago Ávila (de pé, atrás) e Greta Thunberg (D) estão no barco, que deve chegar a Gaza amanhã

No barco "Madleen", um veleiro da Coalizão da Flotilha da Liberdade (FFC, sigla em inglês), os 12 tripulantes de sete nacionalidades — Alemanha, França, Brasil, Turquia, Suécia, Espanha e Países Baixos — carregam não apenas ajuda humanitária para a população da Faixa de Gaza, mas também a coragem para tentar "romper o bloqueio israelense" imposto ao território ocupado palestino. Na tarde de ontem, o **Correio** falou com dois dos ativistas a bordo, incluindo o brasiliense Thiago Ávila. A embarcação estava na costa de Alexandria, no Egito, a cerca de 430km da Cidade de Gaza.

Durante a jornada pelo Mar Mediterrâneo, os ocupantes do "Madleen" foram surpreendidos pelo barulho de drones. Os planos da FFC são de que o veleiro atraque na Cidade de Gaza amanhã pela manhã. Entre os tripulantes, está a sueca Greta Thunberg, que se tornou um símbolo mundial na luta contra o aquecimento global. A Coalizão da Flotilha da Liberdade advertiu que qualquer interceptação do veleiro constituiria "uma violação flagrante do direito internacional humanitário" e informou estar em contato permanente com instâncias jurídicas internacionais para garantir a segurança das pessoas a bordo.

"Todos os 12 participantes da flotilha estamos muito entusiasmados com o apoio popular e de organizações, com a maioria social no mundo que entendeu que matar crianças de fome é errado. Bombardear escolas, hospitais, abrigos, também. As pessoas expressam esse sentimento que está no coração delas apoiando uma iniciativa humanitária", explicou, por telefone, Thiago Ávila. "O nosso barco é pequeno. Toda a ajuda que a gente consegue carregar aqui — alimentos, medicamentos, muletas, próteses para crianças que sofreram amputação, filtros de água — é importante e salvará vidas, mas trata-se de uma gota no oceano para as necessidades de Gaza."

Corredor entre portos

De acordo com o brasiliense, o objetivo dos ativistas do "Madleen" não se esgota na questão humanitária. "Estamos aqui em solidariedade com o povo palestino, sobretudo para romper o cerco e criar um corredor humanitário entre os portos. É aí que a gente sabe que pode fazer a diferença e que a fome pode acabar em Gaza", disse Thiago. "Nosso gesto de desafiar esse cerco ilegal, que dura 18 anos, busca abrir um caminho para que outras forças, que têm muito mais capacidade de atuação no sentido do combate à fome, consigam atuar." Ele destacou que a entrega de ajuda humanitária é respaldada por decisões da Corte Internacional de Justiça e do Conselho de Segurança das Nações Unidas. "A Lei dos Mares atesta que estamos em águas internacionais e sem jurisdição de Israel. Daqui, iremos para território marítimo palestino em Gaza. Israel não pode nos impedir."

Outro tripulante do veleiro "Madleen", o alpinista francês Reva Seifert Viard, 37 anos, contou que a embarcação de 18m estava perto de Alexandria, navegando por águas internacionais. "Nosso objetivo é chegar à Cidade de Gaza, e esperamos fazê-lo na segunda-feira. O mais importante, em nossa missão, é o coletivo. Enquanto dermos o melhor que pudermos com nossos corações, o melhor de nossas intenções, teremos uma linda e segura viagem. Hoje, estamos movidos pela expressão do amor. E estamos levando esse amor para a Palestina."

Todas as noites, desde que zarparam da Sicília, na Itália, em 2 de junho, a tripulação escuta o som de drones por até cinco vezes. "É possível que as Forças de Defesa de Israel tentem invadir o nosso barco. Todos os dias, sentimos que esse cenário não é o primeiro para o qual devemos nos preparar. Nossa comunicação tem crescido com o mundo, e as pessoas estão mais cientes da situação e têm se levantado, em solidariedade à nossa causa", observou Viard.

Eles estão a bordo

Fotos: Arquivo pessoal

"É um desafio de alto risco. Eu treino toda a nossa equipe em ação direta não violenta, para que a gente consiga se preservar o máximo possível. Há 15 anos, eles mataram 10 pessoas de nossa flotilha. No mês passado, bombardearam uma outra embarcação da Flotilha da Liberdade com dois drones e, por um milagre, não morreu ninguém. O uso desproporcional da força é ilegal perante o direito internacional. Somos uma missão pacífica, não violenta e humanitária. Se nos fizerem mal, será a pior decisão que tomarão. Se têm 12 pessoas nessa flotilha agora, caso nos ataquem, podem ter certeza de que a próxima terá 1.200; e a seguinte, 120 mil. O mundo se cansou do genocídio."

Thiago Ávila, 38 anos, *ativista brasiliense*

"Nós levamos os riscos em consideração. Estamos preparados para o que possa acontecer. Mas, mais do que isso, estamos preparados para ir a Gaza. Não existe razão ética ou legal para nos impedirem de chegarmos a Gaza. Estamos agindo da forma correta e fazendo o que os governos fracassaram em fazer. Quando governos fazem coisas muito ruins, a população civil muda a história. O que estamos fazendo é um exemplo disso."

Reva Seifert Viard, 37 anos, *ativista francês*

...e o terror que despenca do céu

Kharkiv (nordeste), a segunda maior cidade da Ucrânia, com 1,3 milhão de habitantes, sofreu um ataque massivo de drones, seguido de uma ofensiva com bombas planadoras guiadas por precisão. Em entrevista ao **Correio**, o prefeito Igor Terekhov (**leia Três perguntas para**) contou que Kharkiv nunca tinha visto bombardeios tão intensos desde o início da invasão russa, em 24 de fevereiro de 2023. "Entre 3h e 5h da madrugada (entre 21h e 23h de sexta-feira, pelo horário de Brasília), o inimigo lançou 38 drones, quatro bombas planadoras e dois mísseis contra nós. Mais de 70 prédios foram danificados; três civis, assassinados; e cerca de 20 feridos. À noite, houve novo ataque com as bombas, matando uma pessoa e ferindo 40", afirmou.

Segundo o prefeito, todos os alvos eram civis, incluindo uma ferrovia usada por crianças. "Isso é um puro terror contra a população civil", denunciou Terekhov. A escalada de ataques colocou em xeque a troca de prisioneiros acordada durante negociações em Istambul.

Sergey Bobok/AFP

Bombeiro luta contra as chamas em usina atingida em Kharkiv

O principal negociador russo, Vladimir Medinski, acusou a Ucrânia de ter adiado "inesperadamente a recepção dos corpos" dos soldados "e a troca de prisioneiros de guerra para uma data indeterminada". A Ucrânia rebateu as acusações e afirmou que não houve nenhuma data estabelecida para a devolução dos corpos, além de indicar um "jogo sujo" e "manipulações" do Kremlin. Na segunda-feira, sob mediação da Turquia, as partes concordaram com a libertação de mil prisioneiros de guerra feridos e doentes, além de militares com menos de 25 anos, e da troca de 12 mil corpos de soldados mortos em combates — 6 mil de cada lado.

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, classificou a ofensiva russa de "massacre brutal". "Bombas foram lançadas sobre civis na cidade — há até uma ferrovia infantil na área. Isso não faz sentido militar, é terrorismo puro", declarou em seu perfil na rede social X. "Isso tem ocorrido por mais de três anos em uma guerra em larga escala. Isso não pode ser ignorado, não se trata de um jogo. Todos os dias, perdemos nosso povo apenas porque a Rússia sente que pode agir de forma impune. A Rússia precisa ser firmemente forçada à paz."

De acordo com Petro Burkovsky, analista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv (em Kiev), as bombas planadoras teleguiadas da Rússia usadas contra Kharkiv são explosivos acoplados a estruturas semelhantes a asas e a um GPS. "Os aviões podem lançá-las até 50km ou 70km do alvo, a fim de se desvencilharem de nosso sistema de defesa antiaérea. Ao realizar tais ataques, a Rússia quer mostrar que planeja transformar cidades, como Kharkiv, em ruínas", explicou ao **Correio**.

"Trata-se de uma guerra de intimidação, dirigida a quebrar o ímpeto da resistência. Isso é o que (Vladimir) Putin quer: exaurir os civis ucranianos e colocá-los em situação de desespero e de frustração. O mesmo objetivo é perseguido quando Moscou anuncia a troca de prisioneiros e, depois, a cancela. Eles jogam com as expectativas das pessoas. Muitas famílias na Ucrânia aguardam essa troca de prisioneiros", acrescentou Burkovsky. (**RC**)

Três perguntas para...

Arquivo pessoal

Igor Terekhov, prefeito de Kharkiv

Depois do ataque deste sábado, qual é o ânimo dos moradores de Kharkiv?

O humor em Kharkiv entre os cidadãos está normal. A nossa cidade não pode ser quebrada. As pessoas entendem quem é o inimigo e que precisam manter a coesão, a fim de lutarem pela vitória.

A infraestrutura civil foi afetada pelos últimos bombardeios?

A situação de todos os serviços públicos na cidade segue inalterada. Os 1,3 milhão de moradores têm acesso ao abastecimento de água e à eletricidade.

Desde o início da guerra, Kharkiv tem sido alvo frequente?

Kharkiv tem sido bombardeada diariamente pelo quarto ano da invasão em larga escala. Durante esse período, mais de 9 mil prédios da cidade foram danificados de uma forma ou outra. Muitos deles estão irreparáveis. (**RC**)